

Armas ensarilhadas e um olhar para o futuro

» OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS

General de Divisão da reserva do Exército. Foi porta-voz da Presidência da República

Já se passaram 48 horas desde que 120 milhões de eleitores foram às urnas certificar as suas escolhas em pessoas e ideias para a governança de nosso país nos próximos quatro anos. O armagedon que pitonisas exaltadas a soldo ou por genuíno pensar enxergavam nas bolas de cristal embaçadas não se configurou.

O cidadão acordou no domingo consciente da importância do momento e ordeiramente exerceu seu direito e dever para consigo, seus entes queridos e sociedade em geral.

É verdade que grupos desapetrechados de senso de responsabilidade ainda buscam, por meio de provocações e desinformações, gerar fatos consumados que desestabilizem o tecido social enfraquecido.

É verdade que vencidos, ainda sob o impacto das duras pelejas, relutam em acalmar seus corações e se apegam ao fio de esperança esgarçado de uma miragem que eles sabem não há condições de se concretizar.

Está na hora de ensarilhar as armas. Comportar-se com serenidade franciscana e olhar para a frente, cooperando para desobstruir o caminho que o país terá de tomar para conquistar um futuro de esperança, com paz e justiça social.

O movimento institucional promovido com antecedência por lideranças do Judiciário, da política, do empresariado, da imprensa, da academia, do povo em geral antecipeu medidas e se mostrou eficaz para enfrentar os desafios.

Essa agenda da legalidade, da legitimidade e da estabilidade, reforçada pela decisão soberana do povo revelada nas urnas, asfixia movimentos divisionistas que se inspiram em outras paragens e visam a conturbar a estabilidade do país.

Outro dia me apresentaram com o livro Afrika Korps, Rommel no deserto, uma obra rara de Kenneth Macksey publicada em 1968 pela Editora Renes. Naturalmente discorre sobre as manobras, as vitórias e derrotas de um dos maiores generais do exército alemão no ambiente operacional do norte da África.

Recheado de fotos históricas, uma delas me deixou vivamente impressionado. Ela retrata o lendário General Montgomery, comandante do 8º Exército britânico, cumprimentando cordialmente o comandante do Afrika Korps, o general von Thoma, então capturado.

Aqueles homens, vestidos de honra, souberam reconhecer que, mesmo diante dos desafios quase incontornáveis de uma guerra, era preciso caminhar sobre os trilhos da compreensão, respeito mútuo e aceitação das circunstâncias e dos fatos.



Não estivemos em uma guerra. O pacífico teatro de operações foi o nosso país e os combatentes, todos do mesmo lado, a nossa população.

A batalha deu-se em torno de votos e as armas de cada exército foram a capacidade de convencer seguidores de que seus projetos seriam melhores para o país.

O cessar fogo foi assinado domingo à noite. Há um vencedor e um vencido. Agora, é reunir forças republicanas, de ambos os lados, para realização da limpeza do campo de minas que ficou pelo caminho. Elas ainda são perigosas e traiçoeiras. As históricas lideranças políticas aliadas da Segunda Guerra Mundial – Churchill, De Gaulle, Roosevelt, entre os principais -- souberam agir com resiliência, com inteligência, com humildade. Aceitaram os enormes desafios daqueles cinco anos de sacrifício, para, por fim, darem ao mundo a esperança de dias melhores. Que nos sirva de exemplo.

Uma nova era se construiu a partir da união entre nações. Estruturas multilaterais passaram a atuar como algodão entre cristais. Mesmo os antagonismos

ideológicos se acomodaram pela estabilidade da instabilidade da guerra fria.

Em nosso espaço geográfico verde e amarelo suplantamos inúmeras adversidades e chegamos à adolescência do século 21 fortalecidos por uma democracia jovem e promissora. Outros obstáculos se erguerão, é da dinâmica natural de um país em desenvolvimento e tão dividido ideologicamente nos últimos anos. Agora mesmo, vejo nas mídias sociais pessoas estimulando que famílias armazenem itens não perecíveis e abasteçam seus carros em face dos bloqueios de estradas por caminhoneiros insatisfeitos com a verdade do voto.

Qual o sentido de manter essa narrativa? A indignação pessoal pela derrota não pode enveredar para atitudes que promovem medo, angústia e incerteza.

Otimista que sou, o Brasil superará as adversidades dessa campanha eleitoral. As opções contrárias ao entendimento não apresentam vantagens para a sociedade brasileira, apenas perdas e desilusões.

Paz e bem!

Por que as empresas devem efetivar pessoas pretas em cargos de relevância?

» ERNANDES MACÁRIO

Formado em gestão de recursos humanos, especialista em educação integral, cidadania e inclusão social (Ufpe), com MBA em gestão de negócios (USP)

Nos últimos cinco séculos, uma das heranças mais contundentes perante as questões de raça, no Brasil, é a imposição da negação de espaço. Essa característica se une a outra herança: fomos o último país a abolir a escravidão. Ainda assim, continuamos a reproduzir sérias barreiras para superarmos esse passado.

No presente, os herdeiros do escravismo, racistas em essência, dedicam-se diuturnamente à pregação da invisibilidade e apelação da inexistência do racismo no Brasil. Essas pessoas possuem olhares bem atentos ao se aproximarem da pessoa negra ou da temática racial. A dedicação é implacável e incansável quando o foco é a neutralização de ações afirmativas, e a manutenção direta ou indireta, de uma segregação que se arrasta há 500 anos no Brasil.

E desse modo vale o convite para refletirmos: para que serve e a quem serve a ausência persistente de gente negra ocupando cargos no ambiente corporativo? Assim como fez na abolição do regime escravocrata, novamente seremos o último país a adotar reparações nesse quesito? Um dos grandes desafios deste século, entre as pessoas qualificadas a assumirem cargos de alta e média complexidade em gestão, será o de romper as muralhas que impedem a efetivação de pessoas negras, igualmente qualificadas, a revelarem seus talentos e atraírem outros tantos, a ocuparem as mais diversas áreas do universo profissional.

Da ausência da pessoa negra nesses postos de trabalho, surge uma emergência social cada vez mais consistente e expansiva.

Por mais neutralidade ou imparcialidade que se possa ter diante das tendências, essa emergência requer políticas de desenvolvimento e de reconhecimento de direitos, que devem ser atribuídos já desde o nascimento. Essa cultura distancia as empresas e as indústrias dessa realidade que vem se impondo ao mercado. É o que mostra o levantamento da Vagas.com, empresa de soluções tecnológicas de recrutamento e seleção.

Apenas 0,7% dos negros têm cargos de retórica. E como vamos conseguir mudar essa estrutura? Para mudar essa estrutura, precisamos de instrumentos legais que possam melhorar essa conjuntura. Esse instrumento de Estado já existe e é chamado de Estatuto da Igualdade Racial, criado pela Lei 12.288, de 20 de julho de 2010. E como podemos usar a prática de ESG (Environmental, Social and Governance), para combater o racismo nas empresas? Para negros e negras, não existe mágica e nem ação única de inserção. Nada vai acabar por conta própria a história do racismo nas empresas. Por isso existe a necessidade da criação de políticas empresariais que possam pensar diariamente como erradicar essa cultura racista no mundo corporativo.

O Estatuto da Igualdade Racial no art.39 proclama: "O poder público promoverá ações que assegurem a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho para a população negra, inclusive mediante a implementação de medidas visando à promoção da igualdade nas contratações do setor público e o incentivo à adoção de medidas similares nas empresas e organizações

privadas." Ou seja, também é dever das empresas privadas abrir espaço para que negros tenham oportunidade de ocupar cargos de chefia e gerenciamento.

Pretos e pardos representamos 56% de toda a população brasileira e, mesmo sendo maioria, somos minoria no que se refere a espaços de poder, de relevância e prestígio, como gestores de empresas e cargos de gerência e consultoria.

Atendendo a reivindicações de movimentos sociais, o Poder Legislativo criou leis específicas para estabelecer ações afirmativas para ingresso de pessoas pretas ou pardas em cursos superiores de universidades públicas federais e em concursos públicos para órgãos, empresas da administração pública federal. A justificativa dessas leis encontra-se na falta de equidade racial e representatividade de pessoas negras. Nada mais coerente que criar vagas específicas em empresas privadas para a absorção dessas pessoas formadas no ensino superior do país.

Temos um desafio coletivo: unirmos a população negra, para encarmos uma jornada de muita coragem e estratégias efetivas, nas reparações da herança escravocrata vigente e normatizada. O desenvolvimento humano, econômico e industrial do nosso país sempre estará fadado ao fracasso enquanto ainda tivermos a prevalência da discriminação por questões de raça, religiosidade, gênero e orientação política.

Uma nação justa só se faz possível quando o Estado de direito, suas leis, deveres e direitos valem para todas as pessoas que nela habitam.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O futuro pelo retrovisor

Quando os antigos afirmavam que não há nada de novo sob o sol, sabiam o que diziam. "...A eterna repetição das coisas é a eterna repetição dos males", ensinava Eça de Queirós (1845-1900). Nesse ponto, a repetição dos males também conhece a eternidade e quanto mais esse tipo de passado se repete, mais penam o justo e o injusto.

Tão ou mais perigoso do que o desconhecimento do passado é não aprender com ele, de modo a evitá-lo. É como se buscase a correta confecção de uma torta, a partir da repetição de uma receita errada. Quanto a isso, ensinava também o físico alemão Albert Einstein (1879-1955) que a insanidade é repetir os mesmos erros e esperar resultados diferentes. Como se sabe, o progresso é sempre trilhado por caminhos novos.

Com essa tese, marchar para o futuro guiando-se pelo retrovisor, é como andar de costas. Desde sempre, os mais destacados pensadores e intelectuais vêm advertindo para os perigos que a busca de repetir o passado, sobretudo aquele que não deu certo para ninguém e ainda causou prejuízos em vidas e em materiais, vem causando aos povos em todo o mundo. A única atualidade do passado está em suas lições, porque o que ficou para trás é o que existiu de concreto, como a lápide de um túmulo. O futuro é apenas fumaça e o presente só fará sentido depois de pronto.

Podem parecer que estamos andando em círculos ou num circunlóquio, mas o ponto central é esse e de nada adianta seguir em frente sem absorver as lições do passado e sem se libertar desse círculo. Mais antigo ainda do que esses e outros infinitos conselhos nesse sentido é ler e refletir o que deixou escrito na obra *O Príncipe* o historiador florentino Nicolau Maquiavel (1469-1527): "Um povo que aceita passivamente a corrupção e os corruptos, não merece a liberdade. Merece a escravidão. Um país cujas leis são lenientes e beneficiam a contravenção, não tem vocação para a liberdade. Seu povo é escravo por natureza. Um povo cujas instituições, públicas e privadas, estão em boa parte corrompidas, não tem futuro. Só passado. Uma nação, onde a suposta sociedade civil organizada não mexe uma palha se não houver a possibilidade de lucros, não é capaz de legar nada a seus filhos, a não ser dias sombrios. Uma pátria, onde receber dinheiro mal havido a qualquer título é algo normal, não é uma pátria, pois nesse lugar não há patriotismo, apenas interesses e aparências.

Um país onde os poucos que se esforçam para fazer prevalecer os valores morais, como honestidade, coerência, ética, honra, são sufocados e massacrados, já caiu no abismo há muito tempo. Uma sociedade onde muitos homens e mulheres estão satisfeitos com as sórdidas distrações, em transe profundo, não merece subsistir.

Só tenho compaixão daqueles bravos, que se revoltam com esse estado de coisas. Àqueles que consideram normal essa calamidade, não tenho nenhum sentimento. Como é perigoso libertar um povo que prefere a escravidão!", finaliza ele, vaticinando que "chegará um tempo em que, um povo para combater a corrupção, talvez tenha que retroagir uns 20 ou 30 anos no Judiciário, pois é nele que se perpetua o mal".

Se nem mesmo a certeza de muitos de que o escândalo do Petrolão foi o maior caso de corrupção havido no planeta em todos os tempos, foi capaz de demover os cidadãos da ideia de permitir a volta ao poder de seus autores originais, por certo esses e outros conselhos e alertas não foram aceitos. Resta agora sentir na carne os efeitos dessa teimosia. Tanto para os justos como para os injustos.

» A frase que foi pronunciada

Apagão de líderes no rearranjo institucional.

José Maria Trindade

Aliança

» Carlos André Moizés e Adriana Souza Araújo se encontraram nas últimas eleições do Varjão. Na votação deste ano já estavam casados.

Na trave

» Por falar em eleições no Varjão, uma fiscal estava com a camiseta do time brasileiro de futebol e seu crachá foi arrancado. Enquanto não trocou a blusa não voltou às tarefas.

Sucesso

» Senado fez sucesso na Bienal Internacional do Livro de Brasília. A visitação foi maciça para conferir as mais de 100 obras apresentadas ao público. Por falar em Senado, uma visita à página do parlamento pode trazer muitos frutos. São oferecidos cursos a distância sem custo para os estudantes, além de ciclos de conversas sobre leis, Cine Debate, Rodas de Leitura, e muito mais.

Chuvas

» Chegam as primeiras chuvas e o número de acidentes aumenta. Mais uma vez, motoqueiros que ultrapassam pela direita, entram na contramão, atravessam por ciclovias, pilotam em calçadas são os campeões de chamados por socorro.

» História de Brasília

A cotação, ontem, do camarão, era de 800 cruzeiros o quilo, e a lagosta estava sendo vendida a 600. O peixe comum, os mesmos preços: altíssimos. (Publicada em 13/3/1962)